

**Entre temas e quadros: as amarguras do magistério nos quadrinhos da *Revista do Professor*
(1995-2006)**

**Among subjects and frames: the bitterness of teaching in the comics of *Revista do Professor*
(1995-2006)**

Maria Cristina Perigo do Nascimento¹

Resumo: Este artigo tem como objeto histórico as histórias em quadrinhos sobre Educação intituladas “Aventuras do Professor Magistério”, assinadas pelo artista Francisco Juska Filho e publicadas, no período de 1995 a 2006, na seção de humor da *Revista do Professor* — um periódico de Porto Alegre/RS especializado em Educação e Ensino. Com um *corpus* de 37 histórias, este trabalho problematiza, na perspectiva da História Cultural, os temas e as particularidades dos quadrinhos, evidenciando a sua linguagem singular. Para isso, vários autores são mobilizados, principalmente: Tania Regina de Luca (2015), sobre o uso da fonte impressa — a *Revista do Professor*; Roger Chartier (2002), acerca do conceito de representação; Henri Bergson (1983), no que diz respeito às questões relacionadas ao humor; e Paulo Eduardo Ramos (2018), quanto aos significados de termos que são específicos dos quadrinhos. Conclui-se que seus temas giraram em torno das amarguras da profissão docente e que Juska soube, além de problematizar por meio da ironia temas caros à Educação, explorar com maestria os códigos singulares dos quadrinhos, cumprindo com o “pacto de diversão” assentado com o seu leitor-espectador ideal.

Palavras-chaves: Imprensa de Educação e Ensino; *Revista do Professor*; Humor; Quadrinhos; Juska.

Abstract: This article has as its historical subject the comics about Education entitled “Aventuras do Professor Magistério”, signed by an artist, Francisco Juska Filho, and published from 1995 to 2006, in the humour page of *Revista do Professor* — a journal from Porto Alegre/RS dedicated to Education and Teaching. With a corpus of 37 stories, this work problematizes, from the perspective of Cultural History, the subjects and particularities of those comics, highlighting their unique language. For this purpose, several authors were selected, mainly: Tania Regina de Luca (2015), on the use of print sources — *Revista do Professor*; Roger Chartier (2002), due to the concept of representation; Henri Bergson (1983), with regard to issues related to humour; and Paulo Eduardo Ramos (2018), about the meanings of terms that are specific to comics. The conclusion is that the topics of the comics were focused on the teaching profession bitterness and that Juska knew, in addition to problematizing subjects which are dear to Education through irony, how to masterfully explore the unique codes of comics, observing the “fun deal” made with his ideal reader-viewer.

Keywords: Education and Teaching press; *Revista do Professor*; Humour; Comics; Juska.

A imagem é um dos elementos mais importante no dia a dia da sociedade, uma vez que ela produz sentidos e media significados: “[...] toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes,

¹ Doutoranda da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, linha de História e Historiografia da Educação.
Revista Vernáculo n.º 52 – segundo semestre/2023

uma ‘cadeia flutuante’ de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros” (Barthes, 1990, p. 32). Ela está muito presente em nossas vidas. Para onde vamos, para onde olhamos, lá está a imagem. Também podemos dizer isso das palavras... A palavra está recorrentemente em nosso cotidiano, seja na oralidade, na leitura ou na escrita de forma articulada. Tal como a imagem, as palavras são ferramentas muito importantes para a nossa comunicação. As histórias em quadrinhos unem as imagens e as palavras, mas vão bem além disso... Elas têm uma linguagem autônoma.

A linguagem dos quadrinhos² exige o funcionamento conjugado de diversos signos: visuais, verbais e não verbais. Como o quadrinista dispõe de pouco espaço para desenvolver a sua narrativa, a complementação das imagens em relação às palavras, e vice-versa, é muito importante. Mas os quadrinhos não são mera junção de imagens e palavras, eles possuem um sistema particular. A relação entre as imagens e as palavras nos quadrinhos pode criar diversos efeitos de sentido, dado seu caráter subjetivo e/ou em virtude dos diferentes sujeitos interpretantes. Desta forma, a sua análise precisa ultrapassar a simples decodificação da mensagem visual amarrada à mensagem verbal. Neste sentido, o conhecimento do sistema da linguagem dos quadrinhos é peça-chave para a sua compreensão; a falta dele pode comprometer o sentido das histórias: “[...] quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos” (Ramos, 2018, p. 17).

Nos últimos tempos os quadrinhos vêm sendo considerados por historiadores e demais pesquisadores como importante forma de manifestação cultural do passado, pois, além de produtores de conceitos de grande impacto, possibilitam compreender melhor a sociedade, uma vez que também representam as disputas, os conflitos e as rupturas de determinada época e contexto. Para Roger Chartier (em *A história cultural: entre práticas e representações*), as representações culturais são produzidas por indivíduos e grupos como produtos de realidades sociais e constituem discursos, práticas e estratégias das lutas de poder. Neste sentido, os quadrinistas, com a pretensão de criticar as mazelas sociais, por meio de representações, carregadas de ideias e posicionamentos, acabam por problematizar a sociedade de seu tempo.

Posto isso, mobilizando o conceito de representação, conforme os pressupostos de Chartier, neste artigo problematizo a produção do artista Francisco Juska Filho para a *Revista do Professor*, veiculada no período de 1995 a 2006, quando ele assinou a seção de humor do periódico, as “Aventuras do Professor Magistério”. Com tal propósito, investigo os seus principais temas, que giravam em torno da Educação, e exploro o uso de recursos que são específicos da linguagem dos quadrinhos (visuais, verbais e não verbais). Acredito que a riqueza temática dos quadrinhos de Juska para a *Revista do Professor*, bem como a ampla

² História em quadrinhos, doravante, quadrinhos.

circulação geográfica e o grande alcance do periódico entre seu público-alvo (de professores) caracterizam a sua produção como objeto de análise expressivo para a História da Educação brasileira. Pois que, contextualizando, reconhecendo e respeitando as suas especificidades, os quadrinhos podem vir a desvelar a apropriação de ideias, as estratégias e/ou as práticas de produção e circulação, por parte do produtor, do leitor-espectador e, quiçá, de quem os debate.

A atualização do professor impressa — a *Revista do Professor*

Com o objetivo de atualizar o professor e “prestar bons serviços ao magistério”, a *Revista do Professor* foi fundada em 1985, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, por Paulo Cesar de Castro³, por meio da Editora CPOEC (Centro de Pesquisas e Orientações a Exames e Concursos). Após a morte de Castro, ela foi vendida à Editora do Professor, de Belo Horizonte/MG, em 2012. Foi quando ocorreu a substituição de todo o grupo que trabalhava na revista até então. Direcionada aos professores da Educação Básica, ela tinha uma linguagem bastante simples, trazia muito material didático e pedagógico, escrito e visual, apresentava sugestões de atividades para o professor usar em sala de aula e, é claro, expunha discussões sobre as tendências em Educação no Brasil.

Após duros e longos anos de Ditadura civil-militar no Brasil⁴, na época da criação da *Revista do Professor* o país vivia o começo da redemocratização política. O momento foi caracterizado pela preocupação com políticas educacionais mais igualitárias: aumento do número de vagas nas escolas, combate à evasão escolar, implantação de políticas compensatórias, como a acessibilidade a livros didáticos (Pedroso, 1999, p. 6-7). Foi atento a esse nicho de mercado que Paulo Cesar de Castro criou a *Revista do Professor*: uma espécie de livro-guia em forma de revista com instruções e fórmulas para a área de Educação.

Com conhecimento prévio sobre o mercado editorial pedagógico, a equipe que liderava o periódico era formada por professores que vinham da experiência da *Revista do Ensino*⁵: Flavia Maria de Magalhães Rosa e Zilá Saldanha Lauenstein; e da Editora CPOEC: Paulo Castro e sua esposa, Teresa Otto Pigatto, esta

³ Paulo Cesar de Castro (1941-2011) era do Rio de Janeiro, capital, onde cursou Direito. Em 1964, mudou-se para Rio Pardo (RS), para trabalhar no Banco do Brasil. No Sul fundou a Editora CPOEC e, depois, a *Revista do Professor*. Castro faleceu em 2011 (Nascimento, 2018).

⁴ A Ditadura civil-militar brasileira durou de 1964 até 1985, quando José Sarney (1930) assumiu a presidência, dando início à Nova República. Sobre o período, ver: Aarão Reis (2014); Germano (1994); Napolitano (2014).

⁵ Com interrupção, a *Revista do Ensino* circulou, pelo Brasil, de 1951 a 1992. Sobre ela, ver a pesquisa de doutorado de Maria Helena Camara Bastos (1994).

última, funcionária da Secretaria de Educação e Cultura do Estado (SEC) do Rio Grande do Sul, juntamente com Véra Neusa Lopes. Além da equipe de professores, o periódico contava uma jornalista responsável: Marta Bettanzo da Costa, profissional recém-formada, na época, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bettanzo foi a editora responsável pelo periódico até a sua venda à editora mineira⁶.

Divulgando experiências pedagógicas de sucesso de profissionais e colaboradores da Educação e áreas correlatas, com textos de profissionais de várias regiões do Brasil, que abusavam de elementos gráficos (como ilustrações, fotografias etc.), além do destaque a personalidades, especialmente políticas, por meio de entrevistas, fotografias e/ou depoimentos e da divulgação de eventos — possivelmente por conta da parceria financeira que firmou com o Estado (com secretarias municipais e estaduais) e que sustentou grande parte de suas assinaturas —, a *Revista do Professor* circulou em passos largos por todo o país.

Para Tania Regina de Luca (2015), existem aspectos importantes que devem ser considerados quando do uso do periódico como fonte para a história, como a questão da sua materialidade: periodicidade, tipo do papel, formato, cor, número de páginas, uso/ausência de publicidade. Neste sentido, a *Revista do Professor* tinha periodicidade trimestral; ela foi impressa em preto e branco, em papel tipo *offset*, com exceção da capa e quarta capa. Com 50 páginas, a revista media 28x21 centímetros. No periódico não há referência ao preço dos exemplares, nem à tiragem, mas o editorial de número cinco, de 1986, faz alusão ao número de assinantes: “[...] com este número, a Revista do Professor está entrando em seu segundo ano de existência, consciência de sua responsabilidade junto aos assinantes — de 2.000, no início, para 20.000 hoje [...]” (*Revista do Professor*, 1986, n. 5, p. 3). Com uma publicidade bastante pequena em suas páginas, dedicava-se ao sistema de assinaturas anuais e semestrais.

Bastante recheados de imagens, os textos publicados na *Revista do Professor* — nem sempre com indicação de autoria — eram distribuídos, geralmente, em três colunas. A revista trazia várias seções: “Cartas”, “Entrevista”, “Comportamento”, “Em foco”, “O professor pergunta”, “Relato de experiências”, “Proposta educacional”, “Educação infantil”, “Ao professor municipal”, “Ao dirigente municipal” etc. A seção com um número maior de páginas era intitulada “Sala de aula”. Trazendo práticas para trabalhar com os alunos em sala, ela servia de guia ao professor.

Ao final da revista, com o direito a uma página inteira, é que vinha a seção de humor. No primeiro ano foram publicadas charges na seção, mas é com a contratação, em 1986, do quadrinista Adão

⁶ Sobre a fundação da *Revista do Professor*, ver a minha dissertação de mestrado: Nascimento (2018).
Revista Vernáculo n.º 52 – segundo semestre/2023

Iturrusgarai⁷, criador das “Aventuras do Professor Magistério”, que ela ganhou nova cara. Com a saída do artista, ao final de 1990, após duas edições sem a seção de humor, um novo quadrinista assumiu as “Aventuras do Professor Magistério”, o ilustrador gaúcho Luis Carlos Ribeiro da Silva (1954), conhecido como Luca Risi, que permaneceu até o final de 1995. Depois de Risi, assumiu as “Aventuras do Professor Magistério” o artista Juska, tema deste artigo. O último humorista da série foi Paulo Volmar Mattos Vilanova (1970), que também é gaúcho e artista premiado em diversos salões de humor, no Brasil e no exterior.

Cartunista e ilustrador, Francisco Juska Filho (1956) nasceu em Santo Ângelo/RS e formou-se em Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG). Começou a carreira na revista *Carrinho*, com o artista Aníbal Bendati (1930-2009), e publicou em vários periódicos importantes, como *O Pasquim* e o *Zero Hora*. Atualmente tem um estúdio em Porto Alegre, onde produz não só quadrinhos, mas também outros diversos trabalhos, como ilustrações, cartilhas e desenhos publicitários. Já participou de vários salões de humor e desenho, nacionais e internacionais, como o Salão Internacional de Humor de Tóquio (Japão), tendo recebido muitos prêmios.

Mesmo com as mudanças de humoristas, o personagem Professor Magistério se manteve firme na *Revista do Professor* por mais de duas décadas. Juska assinou os quadrinhos do Professor Magistério, sem interrupção, até outubro/dezembro de 2003, quando Vilanova assumiu a seção, em janeiro/março de 2004. Em outubro/dezembro de 2007, outubro/dezembro de 2008, abril/junho de 2009, julho/setembro de 2010 e janeiro/março de 2011, os quadrinhos não foram veiculados. Nas edições de número 82, 83, 84 e 85, ou seja, de abril/junho de 2005 a janeiro/março de 2006, novamente as “Aventuras do Professor Magistério” foram assinadas por Juska. Em abril/junho de 2006, Vilanova retornou. Depois que a editora mineira assumiu o periódico, em 2012, os quadrinhos do Professor Magistério não circularam mais.

⁷ Depois de sua participação na *Revista do Professor*, o artista gaúcho Adão Iturrusgarai (1967) mudou-se para São Paulo, onde ficou conhecido nacionalmente com as histórias em quadrinhos “Los três amigos”, da revista *Chiclete com banana*. A seguir, passou a publicar individualmente trabalhos de grande repercussão: “Rocky & Hudson” e “Aline” (Nascimento, 2018). Hoje, vive na Argentina, é artista plástico, escritor e publica tiras em periódicos, além de possuir um *newsletter*, o *Correio Elegante*.

profissional que vai além das suas horas na escola; é papel do professor usar de muita criatividade para atrair a atenção do aluno e garantir a sua permanência na escola. Juska assinou 37 quadrinhos da revista, conforme o quadro a seguir com os seus temas.

QUADRO 1 – TEMAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR JUSKA (1995-2006)

DADOS DA EDIÇÃO		TEMAS
Out./dez. 1995	Ano 11, n. 44, p. 49	Admiração à figura do professor
Jan./mar. 1996	Ano 12, n. 45, p. 49	Aula de matemática
Abr./jun. 1996	Ano 12, n. 46, p. 49	Salário baixo (passando o chapéu)
Jul./set. 1996	Ano 12, n. 47, p. 49	Criatividade para chamar a atenção dos alunos
Out./dez. 1996	Ano 12, n. 48, p. 49	Trabalho excessivo (fora da escola)
Jan./mar. 1997	Ano 13, n. 49, p. 49	Violência na escola (agressão por parte do aluno)
Abr./jun. 1997	Ano 13, n. 50, p. 49	Salário baixo (complacência do aluno)
Jul./set. 1997	Ano 13, n. 51, p. 49	Criatividade para chamar a atenção dos alunos
Out./dez. 1997	Ano 13, n. 52, p. 49	Assalto (notas)
Jan./mar. 1998	Ano 14, n. 53, p. 49	Cola na prova
Abr./jun. 1998	Ano 14, n. 54, p. 49	Hora da chamada (vaidade da aluna)
Jul./set. 1998	Ano 14, n. 55, p. 49	Prova fácil demais para o aluno
Out./dez. 1998	Ano 14, n. 56, p. 49	Resultado da loteca
Jan./mar. 1999	Ano 15, n. 57, p. 49	Castigo (régua)
Abr./jun. 1999	Ano 15, n. 58, p. 49	Cheques voadores/salário baixo
Jul./set. 1999	Ano 15, n. 59, p. 49	Coisa preta/salário baixo
Out./dez. 1999	Ano 15, n. 60, p. 49	Fossa (ausência do professor)
Jan./mar. 2000	Ano 16, n. 61, p. 49	Dia de prova/professor pedindo dinheiro
Abr./jun. 2000	Ano 16, n. 62, p. 49	Cola na prova (vigilância)
Jul./set. 2000	Ano 16, n. 63, p. 49	Bilhetes apaixonados/erro de português
Out./dez. 2000	Ano 16, n. 64, p. 49	Aluno reprovado
Jan./mar. 2001	Ano 17, n. 65, p. 49	Altamente graduado/miopia
Abr./jun. 2001	Ano 17, n. 66, p. 49	Aula de matemática
Jul./set. 2001	Ano 17, n. 67, p. 49	Aluno dormindo
Out./dez. 2001	Ano 17, n. 68, p. 49	“O Professor Magistério é lindo”

Jan./mar. 2002	Ano 18, n. 69, p. 49	Nota 10/vigilância nas provas
Abr./jun. 2002	Ano 18, n. 70, p. 49	Corrigindo provas/trabalho excessivo (fora da escola)
Jul./set. 2002	Ano 18, n. 71, p. 49	À altura dos conhecimentos do professor
Out./dez. 2002	Ano 18, n. 72, p. 49	Contracheque/salário baixo
Jan./mar. 2003	Ano 19, n. 73, p. 49	Melhor aluno/mercado de trabalho
Abr./jun. 2003	Ano 19, n. 74, p. 49	Desconhecimento do aluno/capital do Brasil: Buenos Aires
Jul./set. 2003	Ano 19, n. 75, p. 49	Descaso com o que o professor fala (diretor dormindo)
Out./dez. 2003	Ano 19, n. 76, p. 49	Viciado em nota zero
Abr./jun. 2005	Ano 21, n. 82, p. 49	Aluno alienígena
Jul./set. 2005	Ano 21, n. 83, p. 49	Nota zero
Out./dez. 2005	Ano 21, n. 84, p. 49	Prova de desenho/“retrato professor”
Jan./mar. 2006	Ano 22, n. 85, p. 49	Foto do professor

FONTE: A autora (2023), com dados da *Revista do Professor* (edições de 1995 a 2006).

A poética dos quadrinhos de Juska

FIGURA 2 – MIOPIA DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR JUSKA (N. 65, 2001)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 65 (2001, p. 49).

Com um acabamento perfeito e um traçado limpo, além de caricatural, o Professor Magistério ganhou, com a chegada de Juska à *Revista do Professor*, nova cara. O nariz aumentou e os óculos foram exagerados, como “fundo de garrafa” — modelo utilizado por pessoas portadoras de alto grau de miopia ou hipermetropia, que é mais robusto e produz um efeito que pode deixar os olhos maiores por trás das lentes. No caso do professor de Juska, os olhos até mesmo desapareceram com a suposta grossura da lente retratada. Os óculos quadrados, para ele, foram elementos tão importantes que apareceram na chamada que anunciava a seção de humor da *Revista do Professor*. Por meio do jogo com o sentido das palavras, característico do humor, o quadrinista evidenciou a miopia do personagem nos quadrinhos anteriores (figura 2).

Sintético, o artista utilizou dois ou três quadros para compor a sua história⁸. O contraste entre o preto e o branco foi acentuado. Houve uma preocupação com cada quadro, de forma isolada, bem como a intenção em produzir uma composição equilibrada com formas em preto e branco. Por meio de seus traços e cores, ele expressou até mesmo o que era invisível aos olhos, como o clima da cena ou o estado emocional do personagem representado. É visível o planejamento do artista para que cada elemento tivesse o espaço devido dentro da sua composição (Nascimento, 2008, p. 117). É o que pode ser observado nos quadrinhos a seguir (figura 3). Neles, outros personagens dividem a cena com o Professor Magistério: duas colegas professoras (que carregam seus cadernos e/ou livros) e um transeunte. A narrativa retrata a artimanha do Professor Magistério para manter a atenção de seus alunos: vestido com frutas na cabeça e uma melancia no pescoço. O ditado é antigo: “Se quer aparecer, pendure uma melancia no pescoço”. As professoras reforçam a capacidade do professor em manter a atenção de seus alunos. O uso da ironia produz o humor na narrativa em questão.

⁸ A divisão dos quadros foi variada, no entanto, a forma sintética para retratar apenas uma situação breve aproxima seus quadrinhos da tira cômica, que é caracterizada por: “um texto curto (dada a restrição do formato retangular, que é fixo), construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final” (Ramos, 2018, p. 17).

FIGURA 3 – ARTIMANHAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR JUSKA (N. 46, 1996)



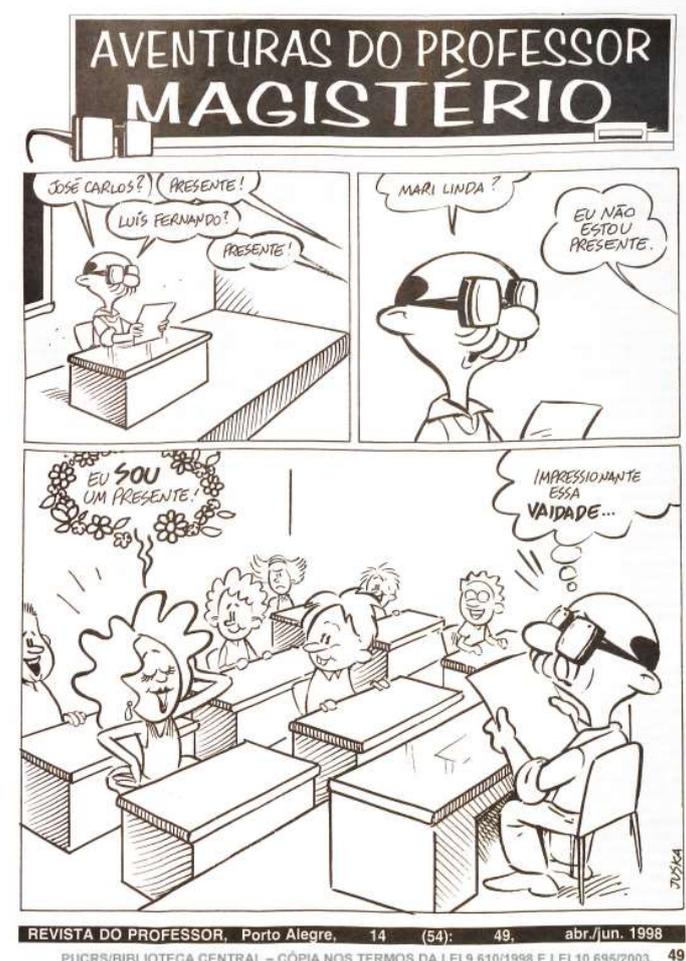
FONTE: Revista do Professor, n. 46 (1996, p. 49).

A linguagem dos quadrinhos recorre a uma série de recursos para representar a fala. O balão é um deles. Além de indicar ao leitor-espectador que o personagem está falando, os balões podem também sugerir o pensamento dos personagens. O balão “[...] seria uma forma de representação da fala ou do pensamento, geralmente indicado por um “signo de contorno” (linha que envolve o balão), que procura recriar um solilóquio, um monólogo⁹ ou uma situação de interação conversacional” (Ramos, 2018, p. 33). Os balões podem ter contornos diferentes e cada um deles tem um significado específico. A linha contínua do balão representa o modelo mais neutro de discurso, o tom de fala normal. Já tudo o que fugir disso,

⁹ Tanto o solilóquio como o monólogo são discursos que o personagem mantém consigo mesmo, no entanto, no primeiro, o personagem fala sozinho, sem interlocutor. No monólogo, a fala do personagem possui um ouvinte (seja o leitor-espectador ou o escritor), a presença dele é necessária para dar significado à sua fala. “A distinção é muito pertinente. Pensar algo é bem diferente de ficar falando sozinho em voz alta. Outro aspecto que justifica a distinção é que um caso é representado com balões de pensamento (monólogo) e o outro, com balões de fala (solilóquio).” (Ramos, 2018, p. 33).

[...] adquirir um sentido diferente e particular. O balão continua indicando a fala ou o pensamento do personagem, mas ganha outra conotação e expressividade. O efeito é obtido por meio de variações no contorno, que formam um código de sentido próprio na linguagem dos quadrinhos (Ramos, 2018, p. 36).

FIGURA 4 – BALÕES NAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”



FONTE: Revista do Professor, n. 54 (1998, p. 49).

Os quadrinhos acima do Professor Magistério (figura 4) exemplificam bem o uso dos diversos balões. Neles, há três balões de formatos e significados diferentes. O primeiro é o balão de formato normal, que simula a fala em tom também natural. O segundo deles, é o balão da aluna, que é contornado por flores, sugerindo um tom de fala florido, doce, alegre... O último, é um balão em forma de nuvem. O balão nuvem sugere que o personagem está pensando. O tema desses quadrinhos é recorrente no humor. É a mesma fórmula da “Escolinha do Professor Raimundo”, da TV Globo¹⁰. A personagem também é a mesma: a Dona

¹⁰ O programa “Escolinha do Professor Raimundo” foi comandado pelo humorista Chico Anysio (1931-2012). Começou como um quadro humorístico dos programas do artista no rádio, mas ganhou novo formato na TV Globo em 1990. O programa, bastante
Revista Vernáculo n.º 52 – segundo semestre/2023

Flor. Sobrinha do diretor da escola, Dona Flor era a sua protegida e ele se dirigia a ela com o bordão “*Fala, mon amour!*”. A atriz Aldine Müller (1953), que interpretava a personagem, respondia: “Ai, Mundico...”.

FIGURA 5 – PRÓS E CONTRAS DA PROFISSÃO, POR JUSKA (N. 72, 2002)



Fonte: *Revista do Professor*, n. 72 (2002, p. 47).

Na produção do artista (como é o caso da figura 5), recorrentemente, é possível observar o uso de outro recurso importante da linguagem dos quadrinhos: a utilização da letra conforme o seu valor de expressividade. “A letra de forma tradicional [...] indica uma expressividade ‘neutra’, uma espécie de grau zero”. Qualquer mudança em relação a isso, ela, então, passa “a agregar outro sentido, variando conforme o contexto da história”. O negrito, usado nos quadrinhos em questão, “pode sugerir tom de voz mais alto ou uma fala mais emocional. [...] Mas não só isso. [...] a tonalidade mais forte serve também para dar destaque

popular, teve um *remake* de 2015-2020 com sete episódios, em parceria com o Canal Viva. A nova versão da série é protagonizada pelo ator Bruno Mazzeo (1977), filho de Chico Anysio. Mais informações sobre a primeira versão em: Ramos (2002).

a determinado termo ou expressão”, indicando somente uma ênfase (Ramos, 2018, p. 56-57). A utilização do negrito é recorrente nos quadrinhos assinados por Juska, provavelmente por ele fazer grande uso dos jogos de palavras (ironia, ambiguidade, metáfora...). A seguir dois outros quadrinhos ilustram o uso das palavras negritadas (figura 6, quadrinhos número 44 e 71 da revista).

FIGURA 6 – NEGRITO NAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR JUSKA



FONTE: *Revista do Professor*, n. 44 (1995, p. 49) e n. 71 (2002, p. 47), respectivamente.

Na primeira história (número 44 da revista), que inclusive foram seus quadrinhos de estreia na *Revista do Professor*, duas palavras estão negritadas: “grande” e “crescer”. No emprego de ambas é possível perceber a ambiguidade e a ironia do humorista. “Grande” é uma palavra polissêmica, ou seja, uma palavra com vários significados. O menino dos quadrinhos é um grande admirador do Professor Magistério em dois sentidos: ele admira muito o mestre (a sua admiração é grande) e ele é enorme de tamanho (uma criança muito grande). O segundo termo negritado, “crescer”, também está brincando com dois sentidos: o significado empregado pelo garoto é metafórico, de crescer em anos e passar a possuir uma condição superior a atual (intelectual), mas a ironia está no outro significado da palavra “crescer”, que diz respeito a aumentar em tamanho, em estatura. Daí o riso, o menino é um gigante. A ironia se dá na oposição

[...] do real com o ideal: do que é com o que deveria ser. Ainda aqui a transposição poderá ser feita nas duas direções inversas. Ora se enunciará o que deveria ser fingindo-se acreditar ser precisamente o que é. Nisso consiste a *ironia*. Ora, pelo contrário, se descreverá cada vez mais meticulosamente o que é, fingindo-se crer que assim é que as coisas deveriam ser. É o caso do *humor* (Bergson, 1983, p. 61, grifos no original).

Nos quadrinhos de número 71 da revista, a palavra negritada é “alturas”. A situação é a mesma. A expressão “à altura” é uma locução prepositiva que significa “como a situação exige”. Estar à altura de alguma coisa é ser capaz, ter conhecimentos ou a competência para resolver algo. Mas o Professor Magistério faz uso do significado da palavra altura propriamente dito para impor os seus conhecimentos: altura como medida, como dimensão de um corpo considerado na vertical. Com as pernas de pau, o professor se coloca numa posição superior (literalmente) em relação a seus alunos.

FIGURA 7 – CASTIGO NAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”



Nesses quadrinhos de Juska (figura 7), há a referência ao castigo físico. O Professor Magistério está correndo atrás do aluno com uma régua muito grande¹¹. As colegas (que se assemelham a professoras) parecem satisfeitas com a atitude do professor. Uma delas afirma que “finalmente ele está tomando medidas” em relação ao comportamento dos alunos. Temos uma brincadeira com o sentido da expressão “tomar medidas”, que só é compreendida pela leitura da imagem (Nascimento, 2018, p. 131). Trata-se de uma expressão bissêmica, com dois sentidos diferentes para uma mesma expressão, que oscilam entre um *sentido possível e um sentido real*, conforme Henri Bergson (1983). A régua serve para tirar as medidas, no sentido de calcular uma medida, fazer uma medição (no caso, medir o comprimento). Mas a expressão também pode significar agir. O riso vem, assim, do equívoco, da brincadeira que a expressão bissêmica produz — recurso muito utilizado no humor. Bergson (1983, p. 48) chama a ocorrência de *interferência das séries*: “uma situação será sempre cômica quando pertencer ao mesmo tempo a duas séries de fatos absolutamente independentes, e que possa ser interpretada simultaneamente em dois sentidos inteiramente diversos”. Juska é um quadrinista completo, além de sua habilidade com os desenhos, sabe usufruir dos recursos do humor. O uso do duplo sentido — quando os elementos linguísticos e os elementos pragmáticos assinalam para direções diferentes —, por exemplo, é característica recorrente em seus quadrinhos. Ele sabe brincar muito bem com os sentidos das palavras.

Quanto ao castigo físico, no século 19 ocorre uma mudança que diz respeito aos cuidados físicos e morais das crianças, já que até então a Educação era marcada pela violência nas relações entre adultos e crianças. Isso ocorre por conta da modificação na condição de ser adulto: “[...] a constituição da infância civilizada se fez em meio às alterações das funções sociais dos adultos, à racionalização das atitudes e à produção de expectativas sobre o lugar do futuro adulto” (Veiga, 2017, p. 26). A infância passa, então, a ser entendida como uma forma de controle do futuro. Prega-se a harmonia entre a educação dos corpos e a educação da mente. É isso que as escolas passam a seguir: a substituição do sentimento do medo pela honra nos alunos (Veiga, 2017, p. 29). Buscando a exemplaridade por meio da vergonha, as contravenções dos alunos passam a ser combatidas com o vexame público¹².

A palmatória, as reguadas, os puxões de orelha eram os demonstrativos mais espetaculares da antiga tradição dos castigos físicos; entretanto, não se pode dizer que a substituição destes

¹¹ A agressão com a régua remete ao uso da palmatória nas escolas, que era um artefato normalmente de madeira com um círculo e uma haste. A palmatória foi utilizada nas escolas para castigar os alunos, era golpeada na palma da mão do aluno (Borges, 1876).

¹² Vale ressaltar que os castigos físicos acabam perdendo espaço para os castigos morais, todavia, não desaparecem rapidamente e nem totalmente.

pela exclusão, pela denominação de retardados, incapazes e menos inteligentes tenha significado grande progresso para os alunos (Souza, 2006, p. 718).

FIGURA 8 – USO DO HIATO NAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”



FONTE: *Revista do Professor*, n. 49 (1997, p. 49).

Em contrapartida, na história acima (figura 8), a violência física é realizada por um aluno, pelo menos é o que a narrativa sugere. A palavra negritada “acordo” nos quadrinhos indica uma ênfase, que remete ao tom de ironia relacionado à expressão. A palavra “acordo” pressupõe entrar em concordância, no entanto, fica claro que o Professor Magistério foi coagido a concordar (acordar) com a opinião do aluno por conta da agressão sofrida.

Mesmo vivendo situações como a representada nesses quadrinhos (figura 8) ou externalizando outros prós e contras da profissão, o Professor Magistério representado por Juska foi continuamente muito paciente com seus alunos, e mais, foi agente de motivação para eles, daí muitas das suas peripécias para atrair a atenção das crianças; ele gostava de ensinar, haja vista sua dedicação dentro e fora da escola. Ele se dedicou

exclusivamente à educação — o aluno sempre foi o seu interlocutor ideal. Em virtude da relação afetiva que o professor manteve com a profissão, o universo do trabalho transbordou para o universo particular. Neste sentido, claramente se vê um vínculo forte entre o público e o privado nos seus quadrinhos. Quando o universo pessoal foi representado nas histórias, ele era uma extensão da sala de aula, sugerindo uma doação ao ensino que aparecia como característica essencial da profissão — uma verdade potencializada (Nascimento, 2018, p. 121).

Juska foi um quadrinista impecável, tanto no que diz respeito ao domínio da palavra, quanto aos recursos mobilizados relacionados à produção dos desenhos e aos efeitos de humor. Para dar conta do “pacto de diversão”¹³, o bom quadrinista precisa saber explorar muito bem o conhecimento de códigos comuns, que ele e leitor-espectador dividem, ao ponto de o leitor, por exemplo, preencher espaços vagos das histórias. É o que vimos na história anterior (figura 8), em que o Professor Magistério leva uma surra do aluno. Nos quadrinhos em questão é possível observar o uso com virtuosidade de um recurso que confirma a familiaridade entre quadrinista e leitor-espectador, o hiato. Para Ramos (2018, p. 148), o hiato é um salto de um quadro a outro que dá continuidade à história, preenchido por imagens mentais na cabeça do leitor-espectador que não existem na materialidade real dos quadrinhos (Nascimento, 2018, p. 144). Uma espécie de “economia de imagens (colocando-se as cenas mais relevantes) e de inferência de informações” (Ramos, 2018, p. 148). A cena que sugere a violência sofrida pelo professor e comandada pelo aluno não acontece no papel, mas é construída no imaginário do leitor-espectador.

Finalmente, a familiaridade de Juska com o seu interlocutor ideal, o professor, vai muito além do bom uso dos recursos dos quadrinhos aqui observados e do sucesso do “pacto de diversão”. Ela diz respeito, também, à compreensão que os dois, quadrinista e leitor-espectador, têm do cotidiano escolar, das mazelas da profissão, dos problemas da Educação no Brasil, mesmo que muitas vezes a inspiração e o conhecimento do quadrinista venha de suas experiências como aluno, e não como professor. Neste sentido, não podemos esquecer que, como jornalista perspicaz que também foi, é com habilidade crítica e intimidade com a figura do professor que Juska arquitetou as suas narrativas visuais e verbais, rindo do seu próprio interlocutor, acreditando que, do outro lado, o professor também riria dele mesmo; afinal, “rir de nós mesmos e da nossa história talvez possa ser uma forma, também, de refletir sobre ela” (Velloso, 2011, p. 383).

¹³ Lima (2008) usa a expressão “contrato de diversão”, me parece melhor “pacto de diversão”.
Revista Vernáculo n.º 52 – segundo semestre/2023

Referências

- AARÃO REIS, Daniel. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 64 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BARTHES, Roland. A retórica da imagem. *In*: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso** — ensaios críticos III. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 27-43.
- BASTOS, Maria Helena Camara. **O novo e o nacional em revista**: a *Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul (1939-1942). Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BORGES, Abílio Cesar. **Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade**. Rio de Janeiro: Typografia Cinco de Março, 1876.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria M. Galhardo. 2. ed. Alges, Portugal: Difel, 2002. Coleção Memória e Sociedade.
- GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIMA, Marcus Antônio Assis. **O “contrato de diversão” do jornal impresso**: cruzadas, horóscopo e quadrinhos. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanez (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.
- NASCIMENTO, Maria Cristina Perigo do. **Aventuras do magistério**: a *Revista do Professor*, Porto Alegre/RS, e as representações na seção “Humor” (1985-2011). Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- PEDROSO, Leda Aparecida. **A revista Nova Escola**: política educacional na “Nova República”. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- RAMOS, Paulo Eduardo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. Coleção Linguagem & Ensino.
- RAMOS, Roberto. **A ideologia da Escolinha do Professor Raimundo**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.
- REVISTA DO PROFESSOR. Porto Alegre: CPOEC, 1985-2011. 108 edições.

SOUZA, Rita de Cássia de. “**Não premiarás, não castigarás, não ralharás...**” dispositivos disciplinares em Grupos Escolares de Belo Horizonte (1925-1955). Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Estadual de São Paulo, 2006.

VEIGA, Cynthia Greive. As crianças na história da educação. *In*: SOUZA, Gizele de S. (org.). **Educar na infância**: perspectivas histórico-sociais. São Paulo: Contexto, 2017. p. 21-39.

VELLOSO, Monica Pimenta. A mulata, o papagaio e a francesa: o jogo dos estereótipos culturais. *In*: LUSTOSA, Isabel. (org.). **Imprensa, humor e caricatura** — a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 365-387.

Recebido em 28 de agosto de 2023 aceito para publicação em 15 de setembro de 2023. .



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.